

Fé

Carícias de Deus

Evaristo Eduardo de Miranda (*)

Os tuaregues são nômades famosos por sua perspicácia, raciocínios elaborados e hospitalidade sagrada. Trabalhei vários anos no deserto do Saara, onde sempre visitava o acampamento de um chefe da nação tuaregue. Eu chegava exausto, ressequido, coberto de pó e areia. Os tuaregues nunca iam me receber. Pelo contrário, escondiam-se discretamente em suas tendas. Um desavisado se julgaria pessoa non grata e prosseguiria seu caminho. Mas o significado desse eclipse dos tuaregues está no respeito do outro.

Ao meu encontro vinha sempre, e unicamente, um escravo buzú. Esse mestiço oferecia-me sorrindo um assento na sombra e uma cabaça de água fresca, ligeiramente incorporada com cereais. Como água onde lavou-se arroz. Refresca e alimenta um pouco. Em seguida, desatava meus sapatos e oferecia-me uma bacia com água para lavar os pés (Gn 18,4). Com os pés lavados, refrescado, eu cochilava na sombra por uns minutos.

Sempre acordava com sonoridades crescentes. O chefe tuaregue surgia à distância, devidamente paramentado, saudando-me com sua comitiva de nobres e servidores. Sempre parecia surpreso, quase esbaforido e dirigia-se a mim como se eu tivesse acabado de chegar. Estávamos prontos para o encontro. Recuperado da viagem e do cansaço, eu também o saudava com entusiasmo, sob os olhares ternos, satisfeitos e quase profissionais do buzú.

Como cristãos tentamos fa-

lar, tocar em Deus, mas ficamos surpresos quando Ele nos acaricia. Às vezes, temos uma visão tão dura de nós e da humanidade que recusamos o toque divino. Como Pedro, não queremos que Deus nos lave os pés. Não aceitamos o reconhecimento de nossa dimensão divina. Aceitar nossa participação na divindade, consagrada no batismo, é um poderoso crescimento. Como ensina S. João da Cruz: "o to-

que delicado do Verbo Divino, pela delicadeza do seu ser divino, penetra sutilmente a substância da nossa alma, e tocando-a toda, delicadamente, Nele a absorve inteira, em divinos gêneros de deleites e suavidades..."

Buscamos o Divino, queremos abraçá-lo e sequer nos tocamos. O vemos como algo externo a nós mesmos. Um pouco como os hebreus no tempo de Moisés: Deus é algo externo ao coração humano. Mostra-se distante num arbus-to ardente ou em sinais cosmológicos. Quanta gente ainda hoje busca o divino em imagens, montanhas, astros, cristais, plantas ou locais exóticos? Intocável e inatingível são quase sinônimos. Não somos habitados pelo divino? Nosso corpo não é morada desse Deus? No Antigo Testamento, a descoberta de Deus habitando no coração em cada um parece começar com o profeta Elias. Em Elias, Israel descobre Deus falando no mais profundo interior de cada um. Como uma brisa suave e sutil (I Re 19,9-14), Deus fala ao homem a partir dele mesmo, no silêncio. Deus se esconde em nós.

Alguns sentem essa voz

como um eco. Deus vibraria suas cordas, sem conferir-lhes dimensões divinas. Ao fazer-se homem e habitar entre nós, Deus divinizou a humanidade. Um dos mais belos exemplos dessa perspectiva está no gesto do lava-pés (Jo 13,1-17). Tradicionalmente acentua-se no episódio a humildade de Jesus, servidor pequeno e escravo. Mas um dos conteúdos mais absolutos do episódio é o reconhecimento gestual, por Cristo, de nossa dimensão divina e sacral. Jesus reconhece a divindade em nós. Lava nossos pés. Toca-nos e acaricia-nos, abrindo o caminho para a instituição da eucaristia, onde o Mistério nos alimentará.

O gesto do Cristo, no lava-pés, é talvez o mais belo e ex-

pressivo de toda a Bíblia sobre o caráter divino do corpo, da criatura e da pessoa, imagem e semelhança de Deus. E o desafio está, pela via da Graça, em descobrir essa sacralidade de e em nosso corpo. Como ouvir em nosso interior as vibrações do Espírito? Como reconhecer nos toques e carinhos dos outros, os sinais do amor do Outro? Pela oração e pela ação podemos conhecer e aceitar a dimensão divina. Ela sutilmente emerge e penetra em todo o nosso ser. Ela pode crescer, infinitamente, em cada um, no deserto deste mundo. Basta dizer como Pedro convertido: lava-me, acaricia-me, da cabeça aos pés. E viver atentos. O toque de Deus chega, às vezes, pela pessoa de um escravo buzú.

O gesto do Cristo, no lava-pés, é talvez o mais belo e expressivo de toda a Bíblia sobre o caráter divino do corpo, da criatura e da pessoa, imagem e semelhança de Deus

(*) Doutor em ecologia, pesquisador do Núcleo de Monitoramento Ambiental da EMBRAPA, e autor dos livros "Água, Sopro e Luz" e "Agora e na Hora" (Ed. Loyola). Da Comissão de Cursos do Instituto Ciência e Fé.